

Lua  
Menezes

rio  
essência  
profano

*romance*

 essência

Lua  
Menezes

rio  
profano



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Lua Menezes, 2022  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Maitê Zickhur

*Revisão:* Bárbara Parente e Laura Folgueira

*Diagramação:* Márcia Matos

*Capa:* Departamento de Criação da Editora Planeta do Brasil

*Imagem de capa:* Serhii Bobyk/ Alamy/ Fotoarena

*Imagem de miolo:* rangizzz/ Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Menezes, Lua

Rio profano / Lua Menezes. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2021.  
224 p.

ISBN 978-65-5535-609-0

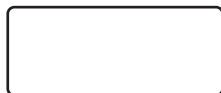
1. Ficção erótica brasileira I. Título

21-5394

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção erótica brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editora.planeta.com.br](mailto:faleconosco@editora.planeta.com.br)

© RECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# Sumário

|                  |     |
|------------------|-----|
| <i>Prólogo</i>   |     |
| Margem           | 9   |
| <br>             |     |
| <i>Parte I</i>   |     |
| Nascente         | 15  |
| <br>             |     |
| <i>Parte II</i>  |     |
| Leito            | 69  |
| <br>             |     |
| <i>Parte III</i> |     |
| Meandro          | 139 |
| <br>             |     |
| <i>Parte IV</i>  |     |
| Foz              | 175 |
| <br>             |     |
| <i>Epílogo</i>   |     |
| Margem           | 193 |

*Parte I*

# NASCENTE



– Teu corpo é uma violência, Mel – ele me diz enquanto passa a mão grossa pelas minhas costas e eu, de quatro, chupo o seu pau.

Sinto-o abrigado na minha boca, olho pra ele e o vejo, a tatuagem do lado direito do peito, a pele lisa, o cabelo curtinho, raspado, a barba ruiva, *faz quanto tempo desde a última vez?*, não pergunto porque estou com a boca cheia, ele sorri todo delicioso, ele sorri sempre, inclusive trepando, e cada sorriso seu é uma pontada no meu ventre, que se contorce diante da montanha de músculos e dentes que ele é.

Quando ele goza, engulo tudo com especial dedicação, a dedicação que os velhos amigos merecem. Tomo o cuidado de limpar o tantinho de porra que escorreu com a ponta do dedo e depois chupo o dedo com ares de inocência, fingida e delicada, como se chupasse qualquer coisa doce. Deitamos no chão um do lado do outro e, enquanto ele suspira de olhos fechados, tiro o diário de dentro da bolsa. Ele não estranha o meu movimento, já sabe que o diário é meu caso de amor mais antigo.

Andei sem escrever por um tempo e adiei a retomada da escrita, sem saber por onde recomeçar, por onde desaguar tanto desejo, tudo sempre tão imperativo, impossível de represar, é aqui, no branco do diário

que nasce a minha mais bruta liberdade, e, por isso, quando ele me diz que meu corpo é uma violência, isso me toca fundo e escolho começar o novo diário assim: com um corpo violento de tanto sentir.

Não é violento querer sempre tanto, com tanta gana? Escrevo essa pergunta no diário. Escrevo sobre nunca ter sabido ser dessa espécie morna de gente, que não arde nem queima, que almeja pouco, sem seiva, sem pulso, sem carne, sempre desprezei as águas paradas, só me satisfaço quando arrastada pela correnteza, quando com o coração incendiado e o ventre em chamas.

É quase ano novo, e no começo de janeiro me mudo pra casa na praia, o que me dá a sensação de recomeço, de nascer outra vez no mesmo corpo. Irônico, pra não dizer contraditório, começar o diário novo com Gabriel, que é uma paixão velha, mas ele se renova a cada encontro, como eu me renovo, como tudo se renova – a infinita dádiva de nada nunca ser o mesmo.

– Como a gente veio parar aqui? – pergunto em voz alta, retórica, me espreguiçando suada sobre a madeira do palco, ele sorri pela milésima vez e imagino se está lembrando as voltas que já demos, peritos na arte do desencontro. Ele encontra sua resposta num samba:

– O mundo é um moinho, Mel.

– Eis a beleza dele, ser eternamente mutável – respondo.

– Algumas coisas permanecem – ele advoga.

– Permanecer é inevitavelmente se alterar – argumento.

Já é madrugada e está tarde pra filosofias, ou talvez cedo demais, encosto a cabeça no peito dele, observo o seu rosto, a barba ruiva, os dentes brancos sempre

sorrindo, me sinto amenizada pelos orgasmos, mas pela primeira vez não me sinto apaixonada. Não como antes. Esta é uma alteração que eu não previa, ele sempre me deixou tão nervosa com sua presença sólida, sua inteligência afiada, seu corpo de lutador.

Lembro-me do nosso primeiro encontro, anos atrás, eu e ele numa mesa de bar, eu tentando disfarçar a baixa autoestima, achando-o lindo demais, mas aos poucos fui relaxando porque passamos a noite conversando sobre nossos livros e autores favoritos. Ali eu comecei a conhecê-lo, por meio das coisas que ele amava: a literatura, o samba e a luta.

Lembro que foi ele que me levou pra uma roda de samba pela primeira vez, na periferia da Redinha. Foi ele que eu beijei no ano-novo de três anos atrás, em Pipa. Nessa época a gente ainda andava de mãos dadas e não falava sobre o futuro.

Lembro que sempre amei o pau dele. Primeiro o sorriso, depois a inteligência, depois o pau. Foi assim a ordem das coisas que comecei a amar nele, a ordem na qual as conheci. Amo o jeito como ele sempre me pegou, seus golpes de jiu-jitsu, sua maestria em me pegar no colo e me jogar de um lado pro outro sem que eu nem perceba o movimento, como se eu fosse qualquer coisa muito leve.

Amo a absoluta obsessão que ele sempre teve pela minha bunda, o quanto ele sempre exaltou meu corpo, mesmo quando eu ainda pensava tão pouco dele. Na última vez que estivemos juntos, nem sei quantos meses atrás, saí roxa e golpeada, manchas roxas no pescoço, nas coxas e numa das nádegas a marca precisa da sua



arcada dentária, que levei pra casa como um troféu e fiquei admirando no espelho.

Mas dessa vez não estamos na cama, estamos deitados no palco do teatro que administro e hoje algo entre nós é novo. Beijo-o como tantas vezes já beijei, mas não desfaleço como tantas vezes já desfaleci, e nesse desconsolo me sinto estranhamente liberta, depois de tantos anos presa a ele, ao sentimento de que não demos certo – sentimento que esteve presente em todos os nossos encontros ao longo desses três, quatro anos de encontros e desencontros. Encontros fortíssimos, devo dizer, mas nunca suficientes, porque eu o desejava como um Carnaval que durasse o ano inteiro e ele era um bloquinho que cruzava a minha rua e passava, me deixando só com a nostalgia do samba que passou.

No começo a gente foi um Carnaval inteiro: alguns meses de um relacionamento a que ninguém ousava dar nome. A época do ano-novo em Pipa em que andávamos de mãos dadas e éramos duas crianças orgulhosas. E foi por causa de orgulho e má comunicação que a gente parou de andar de mão dadas e passou a se desencontrar na vida. Mas sempre houve alguma coisa que me puxou pra ele e ele pra mim e, apesar dos muitos desencontros, uma hora nossos corpos se pediam e explodiam juntos.

Hoje foi assim. Meu corpo pediu o dele. Depois de praticamente um ano e meio sem nos vermos, trouxe-o pro teatro que é minha segunda casa, puxei as cortinas vermelhas e fechei nós dois no meu templo, deixei ele me conduzir ao centro do palco e tirar toda minha roupa e, quando ele me disse pra eu me entregar, ele

não poderia ter acertado mais na escolha das palavras, porque era isso que eu queria e precisava – me entregar.

Ele me pegou pela mão e me fez dar uma voltinha pra então dizer (sempre sorrindo) *você é um espetáculo*, aí se abaixou e mordeu minha bunda e me lembrei daquela marca de meses atrás, me lembrei de como meus olhos olhavam pra ele como se ele fosse um milagre, e hoje, enquanto rolávamos pelo palco gemendo & trepando, ele já não estava tão alto, ele já não estava no altar onde sempre o coloquei, ele desceu, ele agora é indolor, é o Carnaval que passa. E passa.

A verdade é que nesses anos em que nos conhecemos e nos desencontramos, namorando outras pessoas, transando loucamente nas brechas de um relacionamento e outro, depusitei nele as esperanças do amor que sempre desejei e projetei nele o que faltava nos meus namorados. Vi nele o homem forte que eu *queria* amar, não um menino, como esses que andei amando, um homem, um homem capaz de me aparar nas minhas quedas, e sinto que caio tanto, caio o tempo todo, só eu sei o quanto vacilo, o quanto é uma montanha-russa dentro de mim, o quanto ainda não sei lidar com minhas emoções... E os braços dele, tão fortes, o sorriso tão sincero, o peito tão espaçoso, como não achar que poderia caber aqui?

Nessa noite o que ainda não sei é que essa firmeza que procuro nos homens é a firmeza que não sinto em mim – e como não sei que estou procurando, projeto pra fora. Nessa noite o que sei é o que ele me conta, que não sabe o que fazer, terminou a faculdade de direito, mas não quer seguir carreira, não sabe se vira professor

de jiu-jitsu ou estuda pra um mestrado em letras, voltou pra casa da mãe e não tem destino – e o que escuto é que ele está tão perdido quanto todos os outros.

Quero alguém que me mostre caminhos, mas ele ainda está descobrindo os seus. Tem uma parte de mim, do meu ego, da minha arrogância, que acha que sabe pra onde está indo e quer um homem que também o saiba, tem outra parte de mim que simplesmente... clama por guiança.

Ao ver Gabriel sincero e vulnerável, me coloco subitamente numa atitude superior – tiro-o do altar e no espaço vazio coloco a mim mesma. Ele me fala dos seus conflitos, e sem perceber faço dentro de mim uma operação mesquinha: em vez de me conectar com ele por meio da empatia, uso suas confissões contra ele, escuto o que ele diz e penso, *tadinho, tão perdido, não é quem eu esperava*, e isso me distancia dele. O que eu ainda não sei é que ele não é responsável por ser quem eu esperava que ele fosse, que fui eu que criei e projetei milhares de coisas nele, mas tudo isso ainda é inconsciente.

O que eu sei agora é que não estou me sentindo apaixonada, e é a primeira vez que estou com ele e não me sinto apaixonada. Quase me dói perceber que já não sou mais hospedeira dessa paixão, porque gostava da embriaguez que vinha com ela e perdê-la é como perdê-lo; durante todos esses anos eu tive (pelo menos) a sombra de Gabriel, a miragem de um paraíso possível, gostava de fechar os olhos na cama à noite e adormecer imaginando mil quadros de nós dois, imaginar que um dia os planetas iriam se alinhar e a gente talvez vivesse o amor que sempre pressenti que poderia ser nosso,

gostava de esbarrar com ele em alguma festa e sentir meu coração sambar, mesmo quando eu estava comprometida e ele também, gostava de escutar aquele álbum do Caetano, ou aquela música do Curumin que um dia ele me mandou, e ser acometida por uma saudade dolorosa, mas não insuportável, gostava de ler uma página amarelada de algum diário antigo e encontrá-lo lá, gostava de passar meu tempo construindo ilusões intrincadas de um futuro possível com ele, era um calor bom que me dava por dentro – agora estamos nus no chão do meu teatro e de repente já não há nada que me leve a tecer essas miragens com as quais gostava de me distrair.

Mais tarde, no futuro, vou entender que precisei não só tirá-lo do altar como profaná-lo um pouco – pra poder me libertar do que sentia por ele. Mais tarde, no futuro, vou entender que ele nunca me prendeu nem me ofereceu falsas esperanças, fui eu que me prendi a ele.

Por enquanto sei que isso é um fim, me digo que o encanto se quebrou e que não posso amar um homem perdido – estou muitíssimo enganada. Posso sim amar um homem perdido, mais do que consigo imaginar. Por saber menos do que acho que sei, sinto a despedida, largo o diário, monto em cima dele comovida, estou dizendo adeus e ele não sabe, ele está sorrindo, as mãos entrelaçadas na nuca, mais bonito do que nunca, embelezado pelas lentes da despedida, beijo-o e sinto seu pau crescendo de novo debaixo de mim, começo a rebolar em cima dele, provoco, dou meu peito pra ele chupar, ele fica duro feito pedra e eu, molhada feito água – deixo no seu pau um fio transparente, o rastro do

meu cio. Alcanço seu pau com uma das mãos, pinçelo sua glândula por entre os lábios da minha buceta e sento de v a g a r, sentindo cada centímetro que ele preenche.

No ápice do sentimento de despedida olho pra ele mais uma vez e algo sobe do meu ventre até o peito, é uma coisa forte que me toma inteira, uma febre súbita, talvez seja o resto de amor que tenho por ele, então penso, com o pensamento estilhaçado pelo êxtase, que não é o corpo que é uma violência... o amor é uma violência, uma violência doce, penso que gostaria de lhe dizer isso antes de nos separarmos novamente, penso, mas não digo, porque como posso lhe dizer *eu te amo* e *esse é o fim* ao mesmo tempo?

Cavalgo, ele morde meus mamilos com todos aqueles dentes que ainda sorriem, viro de costas porque sei que ele ama o espetáculo da minha bunda abocanhando seu pau conforme subo e desço, subo & desço, subo & desço, escutamos um barulho de água correndo, sou eu encharcada, gozando quase chorando, e sinto escorrer entre as minhas pernas as águas mornas do meu rio, que lava o pau dele dentro de mim, ele se enfia fundo e goza também – chegamos ao fim. Ele sorri, orgulhoso. Eu sorrio, liberta.

• • •

Janeiro acabou de começar e no ar paira o cheiro de ano novo. Essa é minha primeira noite dormindo na casa em Pium, posso ouvir o interior das coisas: as madeiras estalando, o farfalhar das árvores e dos insetos, o vento

atravessando as venezianas, entrando pelos buracos da casa – é um vento que vem pesado de maresia, umedecendo o chão, a pele, os azulejos, as superfícies todas estão banhadas de peixes e não sabem. Eu sei.

Ouçó os ruídos da casa, ouçó os ruídos do meu interior: é festa dentro de mim. Uma festa silenciosa e solitária, mas ainda assim uma festa, porque sempre quis morar perto do mar. Essa casa caiu no meu colo do nada: um dia uma amiga atriz chegou ao ensaio dizendo que o ex-marido alemão, de quem ela ainda é amiga, iria passar uma temporada na Alemanha e precisava de alguém pra cuidar da sua casa e da sua gata nos meses que passaria fora. Do outro lado do palco, ouvi e me voluntariei... aqui estou.

Não escuto nada além dos grilos e do barulho das ondas e por isso me sinto pacífica. A casa é muito aberta, com paredes brancas, janelas generosas e escadas de madeira; no térreo ficam a sala, a cozinha e uma varanda que dá pro jardim; no primeiro andar, um mezanino, dois quartos e um banheiro; no outro andar, uma suíte.

Escolhi a suíte. Lá em cima me sinto como uma princesa na sua torre, olho pra baixo e contemplo tudo como se fosse tudo meu, meu reino tropical, meu pequeno paraíso, de um lado dunas & coqueiros, do outro mar & imensidão.

A casa é grande demais pra uma pessoa só, a cidade fica a trinta minutos de distância de carro, e entre mim e meus vizinhos há jardins densos que nos separam e afastam. Me sinto terrível e maravilhosamente sozinha. Lá de cima olho o jardim que anda abandonado, vestido com um tapete de folhas secas e formigas, mas ainda

assim acho bonito, vejo beleza nesse abandono, no ca-  
jueiro que segura um balanço em um dos galhos. Eu  
escolhi esse abandono, esse exílio, porque quero saber  
que gosto tem a minha solidão.

Sinto o chamado da solidão, caminho em sua di-  
reção porque sei que preciso, intuo que há aqui algo  
meu e pra mim. Abro uma garrafa de vinho, beberico  
no gargalo, contemplo o silêncio, tiro o diário da bolsa e  
passo os dedos pela capa, quase como um carinho. Abro  
o diário, me vejo, sinto a textura das páginas cobertas  
pelas minhas letras miúdas, afundadas no papel, minha  
escrita fervorosa e apressada – tenho uma pequena ilu-  
minação: escrevo como vivo, fervorosa e apressada.



Acordo sozinha no alto da minha torre. É de manhã cedo.  
As ondas continuam quebrando na praia ao longe. Os  
passarinhos já acordaram. Ainda estou pensando sobre a  
solidão. Anos atrás morei fora e viajei sozinha por alguns  
meses. Foi nesse tempo que senti pela primeira vez o seu  
gosto. Foi nesse tempo que descobri que podia gostar da  
minha própria companhia. Mas acho que, de lá pra cá,  
perdi o gosto da solidão pelo meio do caminho. De lá pra  
cá, me apaixonei demais, me coleí demais nas paixões,  
esqueci a graça e a importância de ficar só, fiquei com  
tanto medo de perder os outros que me perdi de mim, me  
adapteí demais, fiz muitas concessões, me esforceí pra  
ser o que desejavam e acabei dando mais do que podia.